

**A PEDAGOGIA POR PROJETOS E A INTERDISCIPLINARIDADE EM CLASSE DO
CICLO INICIAL DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Vanessa Cristina Scaringi

Eixo 2 - Projetos e práticas de formação continuada
- Relato de Experiência - Apresentação Oral

O principal objetivo deste trabalho foi preparar o ambiente da sala de aula com vistas à proposta sócio-construtivista da Pedagogia por Projetos de Jolibert (1994, 2006). Durante o ano letivo de 2012, numa classe de 1º ano (5-6 anos) do Ensino Fundamental de escola pública, o desejo das crianças em conhecer o Universo instigou a turma a elaborar um projeto sobre o espaço e o uso de foguetes pelos astronautas. Foi feito o planejamento do projeto, especificando o contrato individual e coletivo dos acontecimentos. A primeira etapa consistiu na busca, em conjunto, sobre as características fundamentais desse veículo espacial. A partir disso foi possível construir ferramentas de apoio, tal como, fichas e listas de palavras para serem consultadas pelas crianças conforme suas necessidades com a finalidade de recolher materiais recicláveis a serem utilizados posteriormente para a confecção dos foguetes com o auxílio das famílias. Inspirados pelas descobertas que fizeram, os alunos acrescentaram uma nova etapa ao projeto – a Mostra de Foguetes no pátio da escola com a divulgação por meio de convites. O próximo passo foi escrever cartas a Secretária Municipal da Educação como autorização e ao astronauta brasileiro Marcos Pontes sobre a expedição a Estação Espacial Internacional. Como encerramento, foi realizada roda da conversa, expondo os aspectos positivos e negativos, dentro da auto e co-avaliação, como sugere Jolibert (2006). Os resultados indicaram um aumento na participação dos alunos em todas as etapas, tais como, na leitura, na escrita, no cálculo, além da construção do respeito mútuo entre o grupo por meio da construção de novas regras. Palavras-chave: Pedagogia por Projetos. Ensino Fundamental. Interdisciplinaridade.

A PEDAGOGIA POR PROJETOS E A INTERDISCIPLINARIDADE EM CLASSE DO CICLO INICIAL DO ENSINO FUNDAMENTAL

Vanessa Cristina Scaringi¹. UNESP, *campus* de Rio Claro/SP

*Eu vivo sempre no mundo da lua
Porque sou um cientista
O meu papo é futurista e lunático.
Eu vivo sempre no mundo da lua
Tenho alma de artista
Sou um gênio sonhador e romântico
Eu vivo sempre no mundo da lua
Porque sou aventureiro
Desde o meu primeiro passo pro infinito.
Eu vivo sempre no mundo da lua
Porque sou inteligente
Se você quer vir com a gente
Venha que será um barato
Pegar carona nessa cauda de cometa
Ver a via láctea estrada tão bonita
Brincar de esconde-esconde numa nebulosa
Voltar pra casa nosso lindo balão azul*

Turma do Pirlimpimpim

Composição: Moraes Moreira (1982)

- *O que você quer ser quando crescer?* Perguntou a professora numa conversa com as crianças logo no início do ano letivo na escola. Diversas foram as respostas:

- *Eu vou ser bailarina. Mamãe me disse que danço muito bem.*
- *Eu quero ser DJ.*
- *Eu quero conhecer o espaço.*
- *Como se vai ao espaço?*
- *Será que tem bicho lá?*

Crianças sonham. Crianças brincam. E nesse mundo de imaginação e fantasia surge o desejo de partir para outro mundo, desbravar o desconhecido

e se aproximar do mundo dos adultos. Porém, este caminho se faz num “lindo balão azul”, entre “papos futuristas e lunáticos” e “pro infinito” assim de que fala a música na epígrafe deste trabalho.

Ao participar do cotidiano escolar, a criança traz consigo conhecimentos adquiridos na convivência com a própria família (cultura familiar), com os vizinhos do bairro (cultura de bairro), etc.; porém, alguns conhecimentos ainda não foram despertados como a troca de experiências já vividas e as que vêm a ocorrer na interação com outros colegas e que trazem consigo outras formas de enxergar o mundo. E é obrigação docente promover essa tarefa e aproveitar o momento de união. Sendo assim, a organização da turma em sala de aula se faz por meio de projetos.

Jolibert (2006, p. 150) ressalta que “os projetos nascem das necessidades que surgem no dia-a-dia da sala de aula ou da escola; (...)” na perspectiva também de se estudar um assunto em diversos âmbitos (disciplinas), cumprindo com o programa de conteúdos previamente elaborados pela escola e afirma que

Os alunos aprendem fazendo, dialogando e interagindo entre eles, o que se torna possível com o novo papel do professor que, de simples transmissor de conteúdos, transforma-se em mediador e facilitador dos processos de aprendizagem. As crianças aprendem quando se leva em conta as suas competências anteriores, seus desejos e suas necessidades presentes (...) (JOLIBERT, 2006, p. 16).

Entretanto, pensando a infância dentro da escola e também na atuação dos educadores, há controvérsias polêmicas entre os profissionais da educação em relação às pretensões da escolarização básica: os que dirigem o ensino para o cumprimento de currículos e programas, priorizando uma alfabetização distanciada da realidade de seus frequentadores e aqueles que consideram a infância como etapa primordial para o desenvolvimento integral e progressivo das capacidades básicas na formação de um sujeito pleno a se adaptar na sociedade e exercer a cidadania.

A concepção de educação a qual em grande porção compreende um ambiente escolar em que a infância está sujeita a se encaixar nos padrões estabelecidos pelos adultos, eventual à preparação para o mercado de trabalho.

Enfatiza Micotti (1998, p. 9) que “os métodos predominantes na prática da alfabetização (...) vinculam-se a concepções educacionais opostas às

concepções construtivistas. Trabalham a aquisição da escrita com a transmissão de informações feita pelo professor, segundo a lógica do adulto.”

Os estudos e debates oferecidos sobre a humanização do ensino pelas políticas públicas e educacionais reforçam, com uma variedade de argumentos, a importância de uma prática pedagógica voltada para uma educação libertadora, sem reproduções e repressões, por parte das instituições responsáveis.

Em 1948, na Carta redigida e votada pelos povos representados pela Assembleia Geral das Nações Unidas, intitulada como Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamaram os direitos fundamentais do homem, afirmando no artigo 26 que: “1. Toda a pessoa tem direito à educação. (...) 2. A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos humanos e das liberdades fundamentais (...)”.

Mais tarde, no Brasil, valendo-se da Lei nº 9.394/96, conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), em seu artigo 2º, o então presidente da República Fernando Henrique Cardoso (1996, p. 03) aponta, sobre os princípios e fins da educação nacional que “a educação (...) inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania (...)”.

É comum nas salas de aula supostamente se garantir uma aprendizagem eficaz por meio de conteúdos pré-estabelecidos e via de regra esperar que os alunos apenas observem e memorizem. Assim, escolas que utilizam didáticas de ensino tradicionais não se importam se o aluno esquecerá os conteúdos do programa, o que lhes interessa é transmiti-los.

Em contrapartida, cabe mencionar a importância do olhar do professor para um planejamento de aula dirigido às atividades que considerem a pluralidade sócio-cultural da criança por meio de novas práticas, de desafios que possibilitem a ampliação dos conhecimentos. Conhecimentos esses voltados à construção de múltiplas linguagens como a oral e a escrita, e também a lúdica. E ainda Fonseca (1998, p.216) sugere que os profissionais da educação “sejam empregados para atender os interesses e as necessidades da criança, sujeito do processo educativo”, pois suas atitudes são modelos para as crianças. Para isto, é preciso que o ambiente pedagógico esteja bem planejado, organizado e direcionado a um trabalho em grupo (participativo).

Reforça Piaget (1975, p. 62) que para um desenvolvimento intelectual ativo e autônomo o aluno deve

Conquistar por si mesmo um certo saber, com a realização de pesquisas livres, e por meio de um esforço espontâneo, (...) isso possibilitará ao aluno a aquisição de um método que lhe será útil por toda a vida e aumentará permanentemente a sua curiosidade, sem o risco de estancá-la; quando mais não seja, ao invés de deixar que a memória prevaleça sobre o raciocínio, ou submeter a inteligência a exercícios impostos de fora, aprenderá ele a fazer por si mesmo funcionar a sua razão e construirá livremente suas próprias noções.

Desde o nascer, as pessoas têm a possibilidade de aprender pelas próprias experiências; a agirem no espaço em que vivem, interagindo com outros que as cercam, além de demonstrarem pensamentos e sentimentos. O ambiente muito interfere. Explorando o meio, cita Bee (apud PIAGET, 1977, p. 15) a pessoa “[...] não é um recipiente passivo de eventos ambientais. Ao invés disso, ela busca experiências e usa o ambiente”, aprendendo a partir dele. Sendo assim, cabe ao meio propiciar formas de ensino-aprendizagem que valorizem o desenvolvimento de diferentes linguagens (escrita, sonora, visual, lógica) para, conseqüentemente, influenciar as faculdades físicas, cognitivas e sociais dos sujeitos.

Vale lembrar que não está sendo lançada uma fórmula mágica para resolução de problemas, mas está sendo proposta medidas que contribuam para a evolução global do indivíduo e suas capacidades.

Por isso, o principal objetivo deste trabalho foi preparar o ambiente da sala de aula com vistas à proposta sócio-construtivista da Pedagogia por Projetos de Jolibert (1994, 2006), respeitando as formas de interação entre o grupo de alunos (as) envolvidos (as) como forma didático-pedagógica no contexto da escola de Ensino Fundamental, possibilitando a leitura e a escrita de forma contextualizada e com sentido real para todos. E ainda reconceitualizar a prática subordinada à teoria dentro de uma relação dialética entre elas, ou seja, os alunos buscam por objetivos, posicionando-se e tomando decisões.

A partir deste enfoque teórico foi possível conduzir a sala de aula de uma maneira rica em condições facilitadoras à leitura e produção de textos, além de promover, desde a infância, outras formas de pensamento e ação com vistas ao respeito mútuo, a fim de ampliar o desenvolvimento físico, cognitivo e social importantes para o enriquecimento da formação global do indivíduo e substituir o ensino tradicional por meios de uma alfabetização empregada com sentido aqueles que dela participam.

Durante o primeiro e início do segundo semestre do ano letivo de 2012, numa classe de 1º ano (5-6 anos) do Ensino Fundamental de escola pública, o desejo das crianças em conhecer o espaço instigou a turma a elaborar um projeto sobre o espaço e o uso de foguetes pelos astronautas, com vistas a conhecer melhor o Universo. Foi feito o planejamento do projeto, especificando o contrato individual e coletivo dos acontecimentos dentro de uma situação de comunicação entre a turma, partindo do seguinte esquema de organização e questionamento do projeto: por quê, quem, para quem, o que e quando para compromisso dos alunos com as tarefas.

A primeira etapa consistiu na busca, em conjunto, sobre as características fundamentais do veículo espacial – o foguete. A partir disso foi possível construir ferramentas de apoio, tal como, fichas e listas de palavras para serem consultadas pelas crianças conforme suas necessidades - um tipo de arquivo para sistematização do que está sendo construído no dia-a-dia - com a finalidade de recolher materiais recicláveis a serem utilizados posteriormente para a confecção dos foguetes com o auxílio das famílias.

Inspirados pelas descobertas que fizeram, os alunos acrescentaram uma nova etapa ao projeto – a Mostra de Foguetes no pátio da escola, sob coordenação da professora, onde propuseram vivenciar o papel do astronauta e o lançamento de foguetes, fazendo o uso de diversas ferramentas de trabalho, incluindo: foguetes de impulsão (com anotações em tabelas sobre a distância das projeções e tratamento da informação), convites do evento entregues às outras turmas, fotografias.

Conforme o desenrolar do projeto, diariamente liam um capítulo ou trecho do livro *O Pequeno Príncipe*, de Saint-Exupéry (1943) e encantavam-se mais e mais com as memórias desse grande aviador-escritor e questionavam os mistérios dos planetas que o personagem se aventurava. Reescreveram o livro e deixaram uma cópia na biblioteca da escola para futuros empréstimos por outras turmas. Estudaram sobre o sistema solar, os meses e as estações do ano, a história do Cruzeiro do Sul – constelação que aparece na Bandeira Nacional brasileira e quais equipamentos são utilizados por um astronauta, fazendo uso do planetário da escola. Outras ferramentas, como dicionários, enciclopédias e internet foram consultadas.

Contudo, entre muitas leituras, ao abrir a página de um jornal local, identificaram uma manchete em que divulgava a vinda de Marcos Pontes - primeiro astronauta brasileiro participante de pesquisas da NASA/EUA, para

uma palestra educacional numa cidade vizinha. Buscaram mais informações sobre ele pelo seguinte endereço eletrônico: www.marcospontes.com.br.

Sem hesitar, combinaram em escrever uma carta para o astronauta (figura 1, p. 6). Entre escritas e reescritas, elaboraram também algumas perguntas sobre a profissão e a ida de Marcos Pontes à Estação Espacial Internacional a bordo do foguete russo Soyuz. Diversos elementos da Língua Portuguesa foram elencados como lista de palavras com pronomes de tratamento, pontuação, conectivos e silhueta textual, inclusive na finalização do envelope. Mas como entregar esta carta?

O próximo passo foi escrever outra carta, desta vez direcionada à Secretária Municipal da Educação, pedindo autorização para irem até o local em que o astronauta faria a palestra. Utilizaram dos prévios conhecimentos sobre esse gênero textual e das ferramentas de apoio anteriormente elaboradas e a disposição para consultas.



Figura 1. Trecho da carta ao astronauta
Fonte: Arquivo pessoal

Mediante a resposta positiva da Superiora de Ensino e com autorização e apoio concedido pela direção, foi realizada a visita até o anfiteatro do evento, onde foram muito bem recebidos para um bate-papo descontraído com Marcos Pontes em seu camarim com imagens divulgadas pela Assessoria Oficial de Imprensa do astronauta (figura 2, p. 6).



Figura 2. Conversa com Marcos Pontes
Fonte: Assessoria Oficial de Imprensa

Realizaram, como encerramento, roda da conversa onde todos puderam fazer suas colocações, expondo os aspectos positivos e negativos, dentro da auto e co-avaliação como sugere Jolibert (2006). Avaliando-se e sendo avaliado, dentro desta proposta, é possível um reajuste progressivo das próprias condutas e estratégias utilizadas individual e coletivamente.

Diante a descoberta de novas experiências, numa troca de informações entre o indivíduo e o ambiente, essas atividades claramente estimularam a produção de escritas e leituras em sala de aula, abordando as potencialidades naturais do indivíduo em seus aspectos físico, cognitivo e social, e ainda, o currículo oficial da escola foi cumprido com tarefas interdisciplinares, perpassando pela Gramática, Literatura, Matemática, Geografia, História e Física.

Por isso, a Pedagogia por Projetos aflora a participação de todos igualmente por dar-lhes oportunidades de opinarem nas situações vividas dentro da sala de aula e enfatiza o trabalho com a leitura e a escrita onde são utilizadas em situações reais de uso, ou melhor, as crianças leem e escrevem de verdade. Ler é construir sentidos e trabalhar com textos da forma que foi feita possibilitou a exploração individual e logo coletiva numa troca de descobertas. Segundo Micotti (1998, p. 11) durante a leitura, dentro das concepções construtivistas, "(...) o indivíduo compreende a mensagem ao formar "uma ideia" sobre ela", ou seja, formula hipóteses sobre o significado das informações trazidas pelo texto.

Assim, os resultados indicaram um aumento na participação dos alunos em todas as etapas, tais como, na leitura, na escrita, no cálculo, além da construção do respeito mútuo entre o grupo, por meio da construção de novas regras como também o reconhecimento dos pais dos alunos com auxílio às tarefas. Essa forma didática privilegia a prática cooperativa para o desenvolvimento de projetos de ação e de aprendizagem compartilhados entre os alunos e entre alunos e comunidade especificamente os pais dos alunos.

Isto reforça palavras de Piaget (1975, p. 55) sobre a participação dos pais no "direito de escolher o gênero de educação a dar a seus filhos", pois desde o início do ano letivo em meio a outros projetos os pais dos alunos aceitaram e muito contribuíram para a colocação dos projetos, como esse, em prática, auxiliando seus filhos nas tarefas levadas para casa e mesmo dentro da escola e ressalta que, no tocante a Declaração dos Direitos Humanos, se "toda pessoa tem direito à educação", é evidente que os pais também possuem, e igualmente "por prioridade", o direito de serem educados, ao menos informados e mesmo formados (...) à melhor educação a ser proporcionada a seus filhos" (PIAGET, 1975, p. 57).

É importante destacar que essa experiência é tida como gratificante ao passo que a Secretaria da Educação, a direção e a coordenação da escola

também notaram os resultados bem acentuados, como, por exemplo, o interesse dos educandos na elaboração e execução do projeto, ou seja, das interferências vindas com essa forma didático-pedagógica para uma aprendizagem significativa, ativa, interativa e reflexiva. Além disso, a sistematização proposta ao final de cada atividade, como a reescrita dos textos utilizados (contrato individual e coletivo, cartas à Secretaria, direção e ao astronauta, convites para apresentação da Mostra de Foguetes) possibilitou reforçar formas adequadas da escrita exigidas pelas convenções sociais e redigindo-os “as crianças compartilham o mundo da escrita” (MICOTTI, 1998, p. 14).

Entretanto, é importante destacar também os pontos fracos levantados por todo o grupo como obstáculos a serem superados referentes a algumas falhas na maneira de se organizar um projeto que, de acordo com o grupo, inclui o seguimento de um programa com datas e horários estipulados com maior rigor e o compromisso de todos com os materiais utilizados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, LDB. Lei nº 9.394/96 – *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 10 out 2012.

BEE, Helen. *A criança em desenvolvimento*. Trad. Antônio Carlos Amador Pereira e Rosane de Souza Amador Pereira. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1977. 319 p.

FONSECA, João Pedro da et al. *Estrutura e funcionamento da educação básica – leituras*. São Paulo: Pioneira, 1998. 401 p.

JOLIBERT, Josette et al. *Formando crianças leitoras*. Vol 1. Tradução de Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 219 p.

JOLIBERT, Josette et al. *Formando crianças produtoras de textos*. Vol 2. Tradução de Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 321 p.

JOLIBERT, Josette et al. *Além dos muros da escola: a escrita como ponte entre alunos e comunidade*. Trad. Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artmed, 2006. 248 p.

MICOTTI, Maria Cecília de Oliveira (Org.). *Alfabetização: assunto para pais e mestres*. Rio Claro; UNESP: Instituto de Biociências, 1998. 94 p.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Disponível em: <www.brasilia.unesco.org>. Acesso em: 03 out 2012.

PIAGET, Jean, 1896. *Para onde vai a educação?* Trad. Ivette Braga, 3ª Ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1975. 96 p.

¹ Mestre em Educação, Especialista em Educação Especial, Pedagoga, membro da REDE Raios de Sol e do I-mago – Laboratório da Imagem, Experiência e Cri[ati]vidade (GEPLinguagens) pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.